



Influência da insatisfação corporal para transtornos alimentares em estudantes de nutrição

Influence of body dissatisfaction on eating disorders in nutrition students

Influencia de la insatisfacción corporal en los trastornos alimentarios en estudiantes de nutrición

Micaele de Sousa Leite¹, Matheus Sobral Silveira¹, Diego Felipe dos Santos Silva¹, Andrea Marques Sotero¹, Celina de Castro Querino Dias¹, Diego Barbosa de Queiroz¹, Kéllen Wanessa Coutinho Viana¹, Thays Kallyne Marinho de Souza¹, Paulo Adriano Schwingel¹, Michele Vantini Checchio Skrapec¹.

RESUMO

Objetivo: Avaliar os impactos da insatisfação corporal, dos fatores socioculturais e do estado nutricional sobre o comportamento de risco para transtornos alimentares em acadêmicos do curso de Nutrição de uma Universidade do Vale do Submédio São Francisco. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, com 60 universitários, sendo avaliados a caracterização do perfil socioeconômico, o comportamento de risco para transtorno alimentar, a insatisfação corporal e o estado nutricional. Foram observadas as frequências absolutas e relativas de cada variável, a normalidade dos dados pelo teste de Shapiro Wilk ($p < 0.05$) e as variáveis qualitativas foram observados pelo teste Qui-quadrado ($p < 0.05$). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Da amostra estudada, 16,6% apresentaram algum grau de insatisfação corporal e 26,7%, comportamento de risco para transtorno alimentar. A análise estatística supõe possível associação entre o comportamento de risco para TA e a presença de insatisfação corporal ($p < 0.05$). **Conclusão:** Uma abordagem incisiva sobre os comportamentos alimentares disfuncionais e a promoção da imagem corporal positiva são essenciais para os estudantes de nutrição, com vistas à prevenção de danos futuros e à garantida prática profissional com integralidade e humanização.

Palavras-chave: Comportamento alimentar, Insatisfação corporal, Estudantes, Nutrição comportamental.

ABSTRACT

Objective: To assess the impacts of body dissatisfaction, sociocultural factors, and nutritional status on risk behavior for eating disorders among Nutrition students at a University in the Sub-middle São Francisco Valley. **Methods:** This is a cross-sectional study, with 60 university students, evaluating characterization of their socioeconomic profile, risk behavior for eating disorder, body dissatisfaction, and nutritional status. Absolute and relative frequencies of each variable were observed, data normality was tested by the Shapiro Wilk test ($p < 0.05$), and qualitative variables were observed by the Chi-square test ($p < 0.05$). The study was approved by the Research Ethics Committee. **Results:** From the studied sample, 16.6% presented some degree of body dissatisfaction, and 26.7% were at risk for eating disorders. Statistical analysis suggests a possible association

¹ Universidade de Pernambuco Campus Petrolina (UPE), Petrolina - PE.

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, na modalidade de iniciação científica, sob processo BIC-1170-4.06-22.

SUBMETIDO EM: 6/2024

ACEITO EM: 7/2024

PUBLICADO EM: 11/2024

between risk behavior for eating disorders and the presence of body dissatisfaction ($p < 0.05$). **Conclusion:** An incisive approach to dysfunctional eating behaviors and the promotion of positive body image are essential for nutrition students, aiming to preventing future harm and ensuring professional practice with integrity and humanization.

Keywords: Feeding behavior, Body dissatisfaction, Students, Behavioral nutrition.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar los impactos de la insatisfacción corporal, los factores socioculturales y el estado nutricional sobre el comportamiento de riesgo para trastornos alimentarios en estudiantes de Nutrición de una Universidad en el Valle del Submedio São Francisco. **Métodos:** Se trata de un estudio transversal, con 60 estudiantes universitarios, evaluando la caracterización de su perfil socioeconómico, conductas de riesgo para trastorno alimentario, insatisfacción corporal y estado nutricional. Se observaron las frecuencias absolutas y relativas de cada variable, la normalidad de los datos se probó mediante la prueba de Shapiro Wilk ($p < 0.05$), y las variables cualitativas se observaron mediante la prueba de Chi-cuadrado ($p < 0.05$). El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación. **Resultados:** De la muestra estudiada, el 16.6% presentó algún grado de insatisfacción corporal y el 26.7% estaban en riesgo de trastornos alimentarios. El análisis estadístico sugiere una posible asociación entre el comportamiento de riesgo para trastornos alimentarios y la presencia de insatisfacción corporal ($p < 0.05$). **Conclusión:** Un enfoque incisivo sobre los comportamientos alimentarios disfuncionales y la promoción de una imagen corporal positiva son esenciales para los estudiantes de nutrición, con el objetivo de prevenir daños futuros y garantizar la práctica profesional con integridad y humanización.

Palabras clave: Conducta alimentaria, Insatisfacción corporal, Estudiantes, Nutrición conductual.

INTRODUÇÃO

Atualmente, os distúrbios mentais representam um dos principais desafios para a saúde pública, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento. Este cenário se intensificou especialmente após o período pandêmico. A literatura tem demonstrado um aumento contínuo e eminente dos distúrbios mentais em escala global, com ênfase particular nos países afetados pela pandemia de COVID-19, resultando em uma prevalência de 4.802,4 casos a cada 100.000 habitantes (MOCELIN LM, et al., 2022). Este aumento substancial na incidência de problemas de saúde mental destaca a necessidade de um olhar crítico e sensível na saúde pública para este problema.

Dentre os problemas mentais mais comuns destacam-se os distúrbios comportamentais, os emocionais e os hipercinéticos. Entre esses distúrbios, os que dizem respeito aos comportamentos alimentares desordenados, ou Transtornos Alimentares (TA) como são comumente conhecidos, têm recebido destaque na literatura tendo em vista o rápido aumento de suas taxas entre os jovens adultos, especialmente, os do sexo feminino, e o seu potencial incapacitante de prejudicar consideravelmente a saúde física e perturbar o funcionamento psicossocial (GALMICHE M, 2019; JANET T, et al., 2020).

Os TA são caracterizados por condições psiquiátricas que apresentam alterações significativas no comportamento alimentar e no controle de peso e forma corporal, que resultam em graves prejuízos clínicos, psicológicos e de convívio sociais. Já o comer transtornado, também conhecido como comportamento de risco para TA, são problemas alimentares amplos, envolvendo consumo e comportamento alimentar distorcidos, nos quais os sinais fisiológicos de fome e saciedade são ignorados na busca de determinado peso ou forma corporal. Jejuns prolongados, comer compulsivo e emocional, restrição calórica muito acentuada, sentimento de culpa durante refeições, atos compensatórios, compreendem algumas dessas atitudes transtornadas, que podem aparecer nesses casos em intensidade menor que a exigida para o diagnóstico dos TA (ALVARENGA M, et al., 2011).

A literatura aponta um crescimento substancial de jovens com TA (anorexia nervosa, bulimia nervosa, transtorno da compulsão alimentar periódica e outros transtornos semelhantes). No ocidente, entre 5,5% e 17,9% das mulheres jovens e 0,6 a 2,4% dos homens jovens já apresentaram transtornos alimentares nessa faixa etária. Ainda sobre a crescente prevalência de TA, estudos atuais apontam a pandemia de COVID-19

como um período de crescimento desses números (SILÉN Y e KESKI-RAHKONEN A, 2022). As preocupações com relação ao peso, à imagem corporal e à alimentação desempenham um papel importante, tanto na origem quanto na manutenção dos TA e, ainda, podem variar de acordo com o gênero. No sexo masculino, a preocupação com relação a imagem corporal pode se manifestar no ganho excessivo de massa muscular, muitas vezes associado a padrões estéticos de masculinidade. Por outro lado, no sexo feminino, a pressão social e cultural para atender a padrões de beleza leva esse grupo a uma incansável busca para a perda de peso acentuada (NAGATA JM, et al., 2020; UCHÔA FNM, et al., 2019).

As discussões acerca das motivações históricas, socioculturais, políticas, econômicas e humanas para o desenvolvimento desse problema são amplas e têm tomado notoriedade na literatura, a qual advoga a necessidade de um olhar crítico para como esses fatores interferem no comportamento alimentar e na saúde da população em geral (DEMÉTRIO F e SCAGLIUSI FB, 2023). A partir dessa percepção é necessário reconhecer a natureza multifacetada desses transtornos para obter melhores caminhos de tratamento. Comportamentos estes, têm se tornado cada vez mais frequentes, em faixas etárias precoces, como os jovens universitários. A literatura descreve a transição para a vida universitária como um evento estressante que pode levar a alterações deletérias à saúde (BUDHIWIANTO S, et al., 2023; CASTELAO-NAVAL O, et al., 2019).

Inúmeros são os desafios nesse período, os quais envolvem adaptação à nova rotina, perda do suporte familiar devido à mudança de moradia, choques socioculturais pelo contato com novas pessoas, dificuldades em conciliar os horários das atividades da universidade com a vida pessoal e trabalho, entre outros. Tais eventos, quando não são bem geridos pelo acadêmico, podem levá-lo a desenvolver estratégias de enfrentamento que envolvem mudanças no comportamento alimentar e que, se não houver intervenção prévia, comumente, podem resultar em sintomas de depressão e transtornos alimentares (HARRER M, et al., 2020; TRINDADE AP, et al., 2019).

Tudo isso pode ser bastante intenso em estudantes de Nutrição, visto que os ambientes de aprendizagens podem exacerbar comportamentos e atitudes pré-existentes ou adquiridos recentemente (BUDHIWIANTO S, et al., 2023). Avaliar os impactos da insatisfação corporal, dos fatores socioculturais e do estado nutricional sobre o comportamento de risco para transtornos alimentares no Vale do Submédio São Francisco, torna-se uma investigação oportuna e necessária, considerando-se os impactos para a saúde que essa transição para a vida universitária traz e, ainda, os crescentes indicadores dos comportamentos de risco para transtornos alimentares entre jovens universitários de ambos os sexos, pois apesar de a literatura se mostrar consistente quanto aos principais fatores de risco para os transtornos alimentares em adultos (LOPES CS, 2020), especificamente do sexo feminino, ainda existem lacunas sobre essa problemática nas faixas etárias mais precoces, como os jovens universitários.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, com universitários do curso de Nutrição, regularmente matriculados em uma Instituição Pública de Ensino Superior situada no submédio do Vale do São Francisco. A população do estudo foi selecionada por conveniência, sendo incluídos na amostra todos os estudantes, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que aceitaram participar mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos os estudantes que apresentaram dados incompletos durante a aplicação do questionário, ou ainda, aqueles estudantes que apresentaram diagnóstico médico de transtorno alimentar.

A seleção dos indivíduos se deu através da busca ativa por meio da divulgação do projeto em mídias sociais e pelos canais de comunicação da Instituição de Ensino Superior (IES) e os instrumentos de pesquisa utilizados para atender aos objetivos do presente estudo realizaram a caracterização do perfil socioeconômico, a avaliação do comportamento de risco para TA, a insatisfação corporal e o estado nutricional da amostra.

A caracterização do perfil socioeconômico dos voluntários englobou as variáveis sexo, idade, curso, etnia, situação conjugal, renda mensal familiar, número de moradores na residência, escolaridade do chefe da

família e histórico familiar de transtorno alimentar. A avaliação do comportamento de risco para transtorno alimentar ocorreu através da aplicação do questionário “Eating Attitudes Test-26 (EAT-26)”, o qual avaliou atitudes alimentares com 26 questões desenvolvido por Garner e colaboradores (COOPER PJ, et al, 1987), o qual fornece um índice de gravidade quanto ao medo de engordar e o intuito de emagrecer. As respostas foram classificadas pela escala Likert podendo variar de 0 a 78 considerando a opção “sempre” valendo 3 pontos, “muito frequentemente” 2 pontos, “frequentemente” 1 ponto e “às vezes”, “raramente” e “nunca” 0 pontos.

Esses pontos foram somados para se ter uma pontuação geral sendo a pontuação ≥ 20 um indicativo de atitudes alimentares que caracterizam um comportamento de risco para transtorno alimentar e pontuações menores representam a ausência de comportamento de risco para TA. A avaliação da insatisfação corporal ocorreu mediante o uso do questionário “Body Shape Questionnaire”(BSQ), desenvolvido por Cooper e colaboradores (RAICH RM, et al., 1987) com o intuito de avaliar o grau depreocupação da imagem corporal. É composto por 34 questões, as quais os indivíduos responderam de acordo com as 4 semanas antecedentes. As respostas em escala Likert variam de 0 a 204 pontos, onde “Nunca” vale 1 ponto, “Raramente” 2 pontos, “Às vezes” 3 pontos, “Frequentemente” 4 pontos, “Muito frequentemente” 5 pontos, “Sempre” 6 pontos.

A classificação do grau de insatisfação corporal se deu por: “sem preocupação” quando a pontuação geral for < 110 , “Leve” quando for ≥ 110 e ≤ 138 , “Moderado” quando for ≥ 138 e ≤ 167 , e “Grave” quando a pontuação total for ≥ 167 . Ainda assim, a amostra foi observada a partir da classificação abreviativa de “Sem preocupação” quando foi < 110 e “Algum grau de preocupação” quando o resultado foi ≥ 110 . A avaliação do estado nutricional foi feita através da coleta de dados antropométricos referidos, especificamente peso e altura.

Com essas informações, foi possível calcular o Índice de Massa Corporal (IMC). De acordo com os parâmetros estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1997, os indivíduos foram então classificados em diferentes nas categorias: “magreza” (quando o IMC foi inferior a $18,5 \text{ Kg/m}^2$), “eutrofia” (para IMC na faixa de $18,5$ a $24,9 \text{ kg/m}^2$) e “excesso de peso” (quando o IMC calculado foi maior ou igual a $25,0 \text{ Kg/m}^2$), o que incluiu tanto sobrepeso quanto obesidade (WHO, 1997).

A operacionalização do trabalho teve início no treinamento intensivo da equipe de pesquisadores, o que possibilitou o alinhamento da proposta de aplicação da pesquisa para construção dos protocolos utilizados. Inicialmente, para garantir uma base sólida e fundamentada, foi realizada uma busca de artigos sobre a temática para a revisão da literatura e a escolha dos questionários a serem aplicados, os quais foram aplicados via formulário digital do Google. A aplicação dos questionários foi realizada remotamente e todos os alunos matriculados no curso de Nutrição da IES foram convidados a responderem o formulário pelos canais oficiais de comunicação da instituição. Esse convite abordou todos os objetivos previstos, riscos, benefícios e todo o procedimento para participar da pesquisa.

Para a análise estatística, os dados foram digitados e organizados em uma planilha do programa Excel® para Microsoft 365 MSO, após limpeza de dados, os valores de risco dos testes BSQ e EAT-26 foram filtrados a partir de fórmulas do próprio programa. A análise estatística foi feita com o auxílio do software Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 25.0 para Windows. Assim, as frequências absolutas e relativas foram calculadas para avaliar as variáveis qualitativas. Também foi realizado o teste de Shapiro Wilk ($p < 0.05$) para avaliar a normalidade dos dados. O teste de Qui-quadrado foi usado para as variáveis qualitativas ($p < 0.05$).

Este estudo seguiu todos os critérios éticos para a pesquisa com seres humanos, descritos na resolução 466/12, 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e, ainda, considerando as orientações para procedimentos em pesquisas com ambientes virtuais, ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer nº 5.300.027 e CAAE nº 55878521.4.0000.5191. Todos os universitários elegíveis para a pesquisa foram devidamente inteirados sobre os objetivos do estudo, seus riscos e benefícios, bem como de todas as demais informações que constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Só foram investigados aqueles que, em concordando, assinaram o referido documento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação voluntária de 60 acadêmicos de nutrição, os quais foram avaliados a partir das variáveis: sexo, cor da pele, estado civil, período, número de moradores na residência, escolaridade do chefe da família, histórico de transtorno alimentar na família, renda familiar, IMC, comportamento de risco para TA e insatisfação corporal. Após as análises estatísticas do perfil socioeconômico dos voluntários participantes da pesquisa, foi observado que a amostra era predominantemente composta por mulheres, representando 88,3% do total (N=53), com uma média de idade de 23 anos. Em relação à composição racial, 46,7% dos participantes se identificaram como pardos (N=28). Acerca do estado civil, 90% deles eram solteiros (N=54).

Quanto à situação acadêmica, 41,7% estavam no 6º período da graduação em Nutrição (N=25). Em termos de moradia, 41,7% residiam com três ou mais pessoas (N=25), e a maioria (58,3%) relatou uma renda familiar entre 1 e 3 salários-mínimos (N=35), com 80% indicando que o chefe da família possuía pelo menos ensino médio completo (N=48). Além disso, 60% dos participantes afirmaram não ter histórico de transtornos alimentares na família (N=18) (**Tabela 1**).

Segundo a classificação do IMC (OMS, 1998) os participantes foram classificados, majoritariamente (65,0%), dentro da faixa de eutrofia, ou seja, no intervalo normal de 18,5 a 24,9kg/m². A partir do questionário “Eating Attitudes Test-26” (EAT-26), o qual avalia o comportamento de risco para transtorno alimentar e a preocupação em engordar ou emagrecer, e o “Body Shape Questionnaire” (BSQ), que examina os níveis de insatisfação com a imagem corporal, observou-se que 26,7% da amostra apresentou comportamento de risco para TA e 16,6% manifestaram algum grau de insatisfação corporal, respectivamente (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Frequência do perfil socioeconômico e do estado nutricional dos acadêmicos de Nutrição de uma Instituição Pública de Ensino Superior do Submédio do Vale do São Francisco, 2023.

Variável	%	%
Sexo		
Feminino	88,3	53
Masculino	11,7	7
Cor da pele		
Branco (a)	40,0	24
Pardo (a)	28	46,7
Negro (a)	8	13,3
Estado civil		
Solteiro (a)	54	90,0
Casado (a)	5	8,3
Divorciado (a)	1	1,7
Período do curso		
2º	11	18,3
4º	5	8,3
6º	25	41,7
8º	18	30,0
9º	1	1,7
Número de moradores na residência		
1	4	6,7
2	16	26,7
3	15	25,0
4	25	41,7
Escolaridade do chefe da família		
Até o ensino médio	12	20,0
Ensino médio completo ou mais	48	80,0
Histórico de TA na família		
Sim	4	13,3
Não	18	60,0

Renda familiar		
≥ 1 e ≤ 3 salários mínimos	35	58,3
> 3 salários mínimos	25	41,7
IMC		
Magreza	8	13,3
Eutrofia	39	65,0
Excesso de peso	13	21,7
Risco para TA (EAT-26)		
Presença	16	26,7
Ausência	44	73,3
Insatisfação Corporal (BSQ)		
Sem preocupação	50	83,3
Preocupação leve	5	8,3
Preocupação moderada	2	3,3
Preocupação grave	3	5,0

Legenda: *: N: frequência absoluta; %: frequência relativa.

Fonte: Leite M, et al., 2024.

A partir da tabulação cruzada dos dados, a qual associou as frequências absolutas e relativas de cada variável independente com o risco de Transtornos Alimentares (TA), e da aplicação do Teste Exato de Fisher, foi identificada uma associação significativa entre o comportamento de risco para transtornos alimentares e a presença de insatisfação corporal ($p < 0.05$) (**Tabela 2**). Isso indica que os indivíduos que demonstraram comportamentos de risco para TA também apresentaram uma maior tendência a relatarem insatisfação com a própria imagem corporal. Essa relação pode ser relevante para a compreensão mais detalhada sobre o assunto, bem como para o tratamento e a prevenção do comportamento de risco para transtornos alimentares.

Tabela 2 – Associação das variáveis independentes para a presença ou ausência de Risco de Transtorno Alimentar entre acadêmicos de Nutrição de uma Instituição Pública de Ensino Superior do Submédio do Vale do São Francisco, 2023.

Risco para transtorno alimentar					
Variáveis	Presente		Ausente	N	%
Sexo					
Feminino	16	100	37	84,1	-
Masculino	0	0	7	15,9	
p-valor	0,173				
Cor da pele					
Branco (a)	10	62,5	14	31,8	-
Pardo (a)	5	31,3	23	52,3	
Negro (a)	1	6,3	8	13,3	
p-valor	0,120				
Estado civil					
Solteiro (a)	16	100,0	38	86,4	-
Casado (a)	0	0,0	5	11,4	
Divorciado (a)	0	0,0	1	2,3	
p-valor	0,492				
Período do curso					
2º ao 4º	4	25,0	12	27,3	-
6º ao 9º	12	75,0	32	72,7	
p-valor	1,000				
Número de moradores na residência					
1	1	6,3	3	6,8	-
2	4	25,0	12	27,3	
3	4	25,0	11	25,0	
4	7	43,8	18	40,0	
p-valor	1,000				

Histórico de TA na família					
Sim		5	31,3	5	11,4
Não		5	31,3	28	63,6
Não sei informar		6	37,5	11	25,0
p-valor				0,056	
Renda familiar					
≥ 1 e ≤ 3 salários mínimos		8	50,0	27	61,4
> 3 salários mínimos		8	50,0	17	38,6
p-valor				0,062	
IMC					
Magreza		0	0,0	8	18,2
Eutrofia		10	62,5	29	65,9
Excesso de peso		6	37,5	7	15,9
p-valor				0,062	
BSQ					
Sem preocupação		7	43,8	43	97,7
Algum grau de preocupação		9	56,3	1	2,3
p-valor				0,000*	

Legenda: *: Resultados expressivos para riscos de TA.

Fonte: Leite M, et al., 2024.

Com relação aos fatores associados ao comportamento de risco para transtornos alimentares, embora o presente estudo tenha identificado uma possível relação com o desfecho apenas para a insatisfação corporal, a literatura discute as associações do comer transtornado ao sexo (SGARBIM T, et al., 2023, GALMICHE M, et al., 2019) e ao estado nutricional (LE LKD, et al., 2022). É relevante observar que, devido à predominância de mulheres no curso de Nutrição, a amostra utilizada na pesquisa não permitiu uma análise estratificada por sexo.

Esta limitação impede a generalização dos resultados para ambos os gêneros, destacando a necessidade de considerar essa disparidade de gênero em futuras investigações. Entretanto, estudos apontam o comer transtornado e outras desordens comportamentais aumentadas em mulheres, o que torna o público feminino alvo de maior atenção para esse assunto (GALMICHE M, et al., 2019; TRINDADE AP, et al., 2019) (**Tabela 2**). No que diz respeito ao estado nutricional, a literatura mostra que alunas de nutrição com obesidade apresentaram cerca de 5 a 7 vezes mais chances de ter preocupação com a imagem corporal e um risco maior para TA em detrimento das participantes eutróficas.

Com base nesses resultados, é possível imaginar que futuros nutricionistas com sobrepeso ou obesidade podem possuir mais chances de adquirir transtornos alimentares (BUDHIWIANTO S, et al., 2023; BESSEY M, et al., 2020). Essa relação complexa entre o estado nutricional e insatisfação corporal traz uma discussão importante acerca da saúde mental desses futuros profissionais, pois tendo a magreza como sinal de sucesso e disciplina, a pressão estética tem sido um determinante comercial de notoriedade no mercado. Isso pode ser um fator intensificador da presença de comportamentos alimentares transtornados (SOUZA CA e SOUZA EB, 2022) Neste estudo, a prevalência do comer transtornado foi de 26,7%, e existem achados na literatura bem similares, com prevalência de 26,4% da amostra de um grupo de universitários com rastreamento positivo para TA (SANTOS CA, et al., 2023).

Uma metanálise que observou estudos semelhantes apresentou 28,2% de triagem positiva para TA em estudantes de nutrição com a utilização do EAT-26 e do mesmo ponto de corte (TRINDADE AP, et al., 2019). Logo, é possível presumir que existe uma prevalência importante desse comportamento de risco entre estudantes de Nutrição, e que ter mais de 20% desses discentes com atitudes tão prejudiciais deve ser alvo de intervenções que visem atenuar o quadro (BESSEY M, et al., 2020). Vale a pena destacar que mais de 15% dessa amostra revelou possuir algum grau de insatisfação corporal. Um estudo também conduzido com estudantes de nutrição foi conduzido e apontou que 55,46% do grupo possuía algum grau de insatisfação (FOGASSA G, et al., 2024). Uma metanálise com universitários brasileiros apresentou triagem positiva em 10,6% do grupo estudado, utilizando o mesmo ponto de corte.

Com base nesses estudos, apesar da divergência das frequências relativas entre os estudos, foi verificado que estudantes insatisfeitos com seu corpo são significativamente mais propensos a atitudes alimentares inadequadas (SANTOS MMD, et al., 2023). Assim é possível atribuir que o ideal de corpo magro sugerido pela sociedade prevalece nesse grupo de estudantes e que, mesmo que eles tenham um peso adequado, ainda aparentam desejar modificações no peso corporal. Esse cenário pode ser favorável para um comportamento disfuncional no que diz respeito à alimentação. Esse alto índice de insatisfação pode ter relação com o crescente interesse pela aparência física para que seu corpo ideal sirva de modelo para seus futuros pacientes, mas também é possível pressupor o objetivo de adquirir conhecimento para alcançar o corpo almejado como senso de aptidão técnica (FOGASSA G, et al., 2024).

Assim, ao observar esta amostra, com estado nutricional de eutrofia prevalente e condições socioeconômicas favoráveis, atribuir comportamentos tão nocivos a futuros profissionais de saúde pode ser preocupante, visto que possuirão um papel relevante no manejo da saúde de seus pacientes (BUDHIWIANTO S, et al., 2023). Assim, vale ressaltar que este estudo alerta para a pressão nociva exercida sobre o corpo e alimentação, sobretudo de universitários de nutrição, os quais são futuros multiplicadores de conceitos e práticas que devem promover qualidade de vida e atitudes alimentares saudáveis. Dessa forma, eles precisam também estar em condições nutricionais e psicológicas favoráveis para esse trabalho.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o comportamento alimentar disfuncional é multifatorial, influenciado por uma variedade de fatores psicológicos, sociais e culturais, e acarreta diversas consequências deletérias à saúde. Essas consequências incluem, mas não se limitam a, desequilíbrios nutricionais, problemas psicológicos e complicações físicas graves. É preocupante observar que estudantes de nutrição, apesar de possuírem um maior nível de consciência sobre a importância de uma alimentação equilibrada em comparação à população geral, ainda apresentam um percentual considerável de risco para desenvolver transtornos alimentares e insatisfação corporal. Esse fato agrava a problemática, pois espera-se que esses futuros profissionais atuem como promotores de saúde e modelos de comportamento alimentar saudável. Portanto, é crucial a implementação de políticas de atenção à saúde que visem combater esses comportamentos nocivos. Destaca-se a necessidade de uma abordagem mais incisiva sobre o comer transtornado e a promoção de uma imagem corporal positiva entre os discentes, com o objetivo de prevenir danos futuros e garantir uma prática profissional mais sensível e humanizada. As limitações do estudo incluem o tamanho reduzido da amostra e seu perfil homogêneo, o que dificultou a avaliação de algumas variáveis qualitativas. Isso ressalta a necessidade de novas pesquisas que incluam amostras maiores e maior diversidade socioeconômica para proporcionar uma compreensão mais abrangente e detalhada dos fatores envolvidos no comportamento.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Os autores expressam sua gratidão aos discentes participantes da pesquisa, à Universidade de Pernambuco pela colaboração e apoio ao desenvolvimento deste trabalho, bem como à Fundação de Amparo à Ciência e tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), fonte de financiamento da pesquisa, concedida através do processo BIC-1170-4.06/22.

REFERÊNCIAS

1. ADOLESCENTS OF DEVELOPING EATING DISORDERS. INTERNATIONAL JOURNAL OF ENVIRONMENTAL RESEARCH AND PUBLIC HEALTH, 2019; 16(9): 1508.
2. ALVARENGA MDS, et al. Comportamento de risco para transtorno alimentar em universitárias brasileiras. Archives of Clinical Psychiatry, 2011; 38(1): 3–7.
3. BESSEY M, et al. "This is what you're supposed to do": weight stigma in dietetics education. Fat Studies, 2020; 10(2): 184–196.
4. BUDHIWIANTO S, et al. Global Prevalence of Eating Disorders in Nutrition and Dietetic University Students: A Systematic Scoping Review. Nutrients, 2023; 15(10): 2317.

5. CASTELAO-NAVAL O, et al. Estilo de vida y riesgo de trastorno alimentario atípico en estudiantes universitarios: realidad versus percepción. *Enfermería Clínica*, 2019; (29(5)): 280-290.
6. COOPER PJ, et al. The development and validation of the body shape questionnaire. *International Journal of Eating Disorders*, 1987; 6(4): 485–494.
7. DEMÉTRIO F, SCAGLIUSI FB. Comendo nas encruzilhadas: contribuições interseccionais para a Nutrição Clínica Ampliada e Implicada. *Saude E Sociedade*, 2023; 32(4): 230050.
8. FOGASSA G, et al. Insatisfação da imagem corporal avaliada por escala de silhuetas entre acadêmicos do curso de nutrição. *RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 2024; 18(113): 395-403.
9. GALMICHE M, et al. Prevalence of eating disorders over the 2000–2018 period: a systematic literature review. *The American Journal of Clinical Nutrition*, 2019; 109(5): 1402-1413.
10. HARRER M, et al. Prevention of eating disorders at universities: A systematic review and meta-analysis. *International Journal Eating Disorders*, 2020; 53(6): 813-833.
11. JANET T, et al. Eating disorders. *Lancet*, 2020; 395: 899-911.
12. LE LK-D, et al. Prevention of high body mass index and eating disorders: a systematic review and meta-analysis. *Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*, 27 ago, 2022.
13. LOPES CS. Como está a saúde mental dos brasileiros? A importância das coortes de nascimento para melhor compreensão do problema. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020; 36(2): 5020.
14. MOCELIN LM e LVES FILHO JR. Prevalence study of depression and anxiety during the COVID-19 pandemic: Literature review. *Research, Society and Development*, 2022; 11(13): 56111335245.
15. NAGATA JM, et al. Eating disorders in adolescent boys and young men: an update. *Current Opinion in Pediatrics*, 2020; 32(4): 476–481.
16. RAICH RM, et al. Adaptación de un instrumento de evaluación de la insatisfacción corporal. *Clin. Salud*, 1996; 7: 51–66.
17. SANTOS CA, et al. Avaliação do risco de desenvolvimento de transtornos alimentares em estudante do curso de medicina. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2023; 23(11): 13867.
18. SANTOS MMD, et al. Comportamento alimentar e imagem corporal em universitários da área de saúde. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 2021; 70(2): 126-133.
19. SGARBIM T, et al. Uma análise dos transtornos alimentares: anorexia nervosa e bulimia. *Revista Eletrônica Acervo Médico*, 2023; 23(2): 12172.
20. SILÉN Y e KESKI-RAHKONEN A. Worldwide prevalence of DSM-5 eating disorders among young people. *Current Opinion in Psychiatry*, 2022; 35(6): 362-371.
21. SOUZA CA e SOUZA, EB. Prevalência de insatisfação corporal e risco de transtornos alimentares em alunos concluintes de nutrição. *RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 2022; 16(100): 28-37.
22. TRINDADE AP, et al. Eating disorder symptoms in Brazilian university students: a systematic review and meta-analysis. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 2019; 41(2): 179–187.
23. UCHÔA FNM, et al. Influence of the Mass Media and Body Dissatisfaction on the Risk in.
24. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Obesity preventing and managing the global epidemic. Report of a WHO Consultation on Obesity. Geneve-1997, 1998; 1: 1-276.